

A doce-docência de Heliana Conde: passeio pelas memórias de um mestre-aprendiz

La dulce enseñanza de Heliana Conde: un paseo por los recuerdos de un maestro-aprendiz

Heliana Conde's Sweet-teaching: a Walk through the memories of a master-apprentice

Luiz Antônio Saléh Amado

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

RESUMO:

Este texto faz um passeio pelas memórias de um mestre-aprendiz a partir da experiência do encontro com a Heliana-docente. Os efeitos produzidos por este encontro são apresentados, destacando-se: a irremediável ligação entre Análise Institucional e Heliana Conde; as aulas rizomáticas que ela proporcionava – verdadeiras hiperaulas – e a experimentação de práticas de liberdade em suas aulas, o que abria um campo de possibilidades para a singularização das subjetividades. O texto afirma ainda que, por meio da docência, Heliana construiu relações fortes e duradouras com seus alunos, ou mestres-aprendizes, como os chamava. Por fim, com base nas experiências e aprendizados marcantes nas aulas com Heliana, sublinha-se que a docência se constrói numa relação, não se fazendo, portanto, apenas a partir do saber do professor, mas principalmente pela atenção, pela alegria e pela amizade.

Palavras-chave: docência; afeto; amizade

RESUMEN:

Este texto realiza un paseo por las memorias de un maestro-aprendiz a partir de la experiencia del encuentro con Heliana-maestra. Se presentan los efectos producidos por este encuentro, destacando: la conexión irremediable entre Análisis Institucional y Heliana Conde; las clases rizomáticas que impartió –verdaderas hiperclases– y la experimentación con prácticas de libertad en sus clases, que abrieron un campo de posibilidades para la singularización de subjetividades. El texto también afirma que, a través de la enseñanza, Heliana construyó relaciones sólidas y duraderas con sus alumnos, o maestros-aprendices, como ella los llamaba. Finalmente, a partir de las experiencias y aprendizajes destacables en las clases con Heliana, se enfatiza que la enseñanza se construye a partir de la relación, por lo que no se realiza únicamente a partir del conocimiento del docente, sino principalmente a través de la atención, la alegría y la amistad.

Palabras-clave: enseñanza; afecto; amistad

ABSTRACT:

This text is a tour through the memories of a master-apprentice from the experience of the encounter with the teacher Heliana. The effects produced by this meeting are presented, highlighting: the irremediable link between Institutional Analysis and Heliana Conde; her rhizomatic classes - like hyperclasses – and freedom practices experimentation during her classes, what has opened possibilities for the subjectivities singularizations. The text also states that Heliana built strong and lasting relationships with her students, or master-apprentices, as she called them. Finally, the text addresses how Heliana showed us that teaching is built in a relationship, just not based on teacher knowledge, but mainly by attention, joy and friendship.

Keywords: teaching; affection; friendship

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88530

Este texto foi escrito a partir do convite que recebi para participar de uma mesa no Seminário Modulações Helianas: docência, militância, escrita. Tive a chance de conhecê-la no final dos anos 1980, durante minha formação em Psicologia na UERJ. Desde então, foram várias e ricas as situações vividas com essa pessoa especial, de tal forma que poderia falar sobre qualquer um dos eixos propostos pela organização do evento sem maiores dificuldades. Todavia, é a Heliana-docente, sem dúvida, aquela que deixou marcas mais profundas neste longo percurso de amizade. Foi uma feliz coincidência receber o convite para falar na mesa que, justamente, seria dedicada a este eixo do Evento. Obviamente, não hesitei em aceitar.

Hoje sou professor da UERJ, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), unidade localizada em Caxias, e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ), localizado no campus Maracanã. Antes, porém, e é esta experiência o que me habilita a falar da docência da Heliana, fui seu aluno na graduação do curso de Psicologia da UERJ. Além disso, frequentei suas aulas no curso de Especialização em Psicologia Jurídica, da UERJ, ocasião em que contei com a orientação dela na construção da monografia de final de curso. Recentemente, ainda partilhamos várias disciplinas no PPFH, o que me possibilitou novas experiências junto à Heliana-docente.

Escrevi no início deste texto que não hesitei em aceitar o convite para participar da mesa sobre docência. Contudo, bastou que começasse a pensar quais seriam os caminhos a seguir para preparação da minha participação no evento para que um turbilhão de emoções fosse emergindo. O convite para essa fala exigia o contato com memórias que gradualmente vão se tornando mais distantes. No entanto, nem por isso elas deixaram de ter uma carga considerável de afeto. Imediatamente lembrei da minha formatura em Psicologia. Alguns foram os motivos que me fizeram retornar àqueles dias. Destaco, em especial, dois deles. O

primeiro, no melhor estilo bem-humorado e divertido de Heliana, se refere à escolha do paraninfo e do patrono para a formatura da nossa turma, no início dos anos 1990. Ao fazermos o convite a ela, comunicamos que tínhamos escolhido Jurandir Freire Costa como patrono e ela como paraninfa. Agradecida e feliz com o convite, Heliana não perdeu a oportunidade para a piada: “que ótimo, melhor paraninfa do que matrona”, nos brindando em seguida com sua gargalhada peculiar.

O segundo está relacionado ao filme que assisti no ano de 1989, quando terminava a graduação em Psicologia. O impacto do filme, mas principalmente de certo questionamento feito pela protagonista, foi tamanho que, além de utilizá-lo no discurso que preparei como orador da minha turma, ele continua reverberando em mim até hoje, especialmente em situações como essa, em que sou provocado a acionar minhas memórias.

O filme, de 1988, se chama “A Outra” (*Another Woman*, no original) e foi dirigido por Woody Allen. A história gira em torno de uma professora de Filosofia que, em determinada altura da vida, e de sua carreira, resolve escrever um livro. Ela decide, então, alugar um apartamento, buscando melhores condições para realizar esta tarefa. No apartamento ao lado do seu, coincidentemente, funciona um consultório psicanalítico, o que lhe permite escutar as sessões de análise pelo sistema de ventilação central. O envolvimento com o drama relatado por alguns desses pacientes acaba por transportá-la numa viagem pelos seus próprios dramas. Essa situação inesperada irá fazer parte, então, do processo de construção de seu livro, que será atravessado pela rememoração de passagens marcantes de sua vida. Ao final do filme, ela se faz a seguinte pergunta: o que são as memórias, alguma coisa que se tem ou que se perde? Impossível não pensar na questão colocada pela personagem do filme, quando me vejo em situações como essa, em que preciso acionar a memória de experiências e acontecimentos marcantes e repletos de afetos.

Compor uma mesa sobre docência, em homenagem à Heliana, além de ter sido uma honra, foi também a oportunidade de estar ao lado de colegas de longa data e de conhecer outras pessoas que, assim como eu, faziam questão de prestar sua homenagem a ela. Para além da relação docente-discente, se ligados à Psicologia ou a outro curso qualquer, penso que tínhamos todos em comum o fato de, em algum momento das nossas trajetórias, termos nos encontrado com Heliana. E, com certeza, dificilmente sairíamos desse encontro do mesmo jeito que antes, sem uma marca sequer.

Suely Rolnik (1993) – uma intercessora entre tantas e tantos outros que Heliana me apresentou – afirmou certa vez que as marcas são os estados inéditos que se produzem em

nossos corpos, a partir das composições vividas. Tais estados produzirão a diferença, criando espaços para que as marcas sejam a gênese de um devir.

Fico pensando em quantas pessoas tiveram a felicidade de encontrá-la pelos caminhos da formação nesses anos todos de UERJ, e antes também, enquanto foi professora na Santa Úrsula. Tenho certeza de que muitos poderiam estar no meu lugar naquela mesa, nos proporcionando relatos afetuosos e divertidos com base na experiência deste encontro que tiveram com ela.

Afirmo isto sem medo de errar porque me apoio nas minhas experiências como ex-aluno, nos idos da graduação, mas em tempos mais recentes também, a partir do convívio que tivemos na pós-graduação no PPFH. Desde sua chegada ao Programa, sempre que havia uma oportunidade, eu sugeria aos orientandos que fizessem alguma disciplina com ela. Como era de se esperar, frequentemente retornavam deste encontro encantados. Exatamente como aconteceu comigo anos atrás.

Tive a sorte de ser aluno da Heliana no meu último ano da graduação. Por pouco não saí da Psicologia sem conhecê-la, sem conhecer a Análise Institucional (“A.I., força de vida”, como ela escreveu certa vez na dedicatória do livro *Grupos e Instituições em análise*). Afirmo que esse foi o acontecimento que produziu os efeitos mais significativos durante minha graduação. Desde então, as ferramentas da Análise Institucional se tornaram a principal referência da minha prática. É interessante voltar a isso agora, porque me permite pensar numa questão diretamente ligada à docência: será que esta influência teórico-metodológica se deu pela força da Análise Institucional ou pelo modo como Heliana conseguia nos tocar em suas aulas?

Tenho certeza de que a resposta para tal questão não é simples, mas estou certo de que ter conhecido a Análise Institucional por intermédio dela produziu efeitos significativos. Toda vez que na prática cotidiana de aulas, orientações etc. recorro à produção do movimento institucionalista – textos, conceitos e ferramentas – são as aulas da Heliana que me vêm à mente. Por isso, para mim, Análise Institucional e Heliana Conde sempre estarão irremediavelmente ligadas.

Foi, sem dúvida, um privilégio ter como professora alguém tão brilhante como Heliana. Suas aulas, sempre riquíssimas, nos proporcionavam o contato com conceitos novos, com análises instigantes, por vezes complexas, porém sem apreço algum pelos hermetismos. Era frequente sairmos de uma aula dela com uma lista de autores e leituras, o que proporcionava diversas novas possibilidades de estudo a serem exploradas. Naquele momento, final dos anos 80, a internet não fazia parte do nosso cotidiano. Entretanto, Heliana

já fazia funcionar durante as aulas uma espécie de hipertexto. Um tópico de suas aulas costumava se ramificar na direção de inúmeros outros, numa configuração complexa – rizomática, pode-se dizer – abrindo possibilidades várias. Aliás, considerando que esse movimento proporcionado por ela podia nos levar por caminhos muito distantes do ponto inicial, diria que assistíamos, na verdade, a uma hiperaula.

Graças a suas aulas, tive o primeiro contato com intercessores que me acompanham desde aquela época: Lapassade, Lourau, Guattari, Deleuze, Baremlitt, Regina Benevides, Suely Rolnik e, obviamente, Foucault. Mesmo aqueles que nunca assistiram a uma aula dela podem imaginar que não me refiro à prática de expor uma lista interminável de autores, nem de repetir conceitos, deixando-os soltos e sem sentido pela aula afora. O domínio que Heliana tinha dos temas a serem trabalhados nos impressionava.

Contudo, não era apenas de um vasto conhecimento que se tratava, tampouco de habilidades cognitivas. Havia um outro componente, tão ou até mais importante. O amplo conhecimento que ela detinha, a facilidade e a propriedade com que transitava entre autores e obras, não teria deixado marcas tão profundas e duradouras se o modo como se relacionasse com a turma fosse outro – distante, rígido, avaliador. Nada disso. As relações que Heliana estabelecia com seus alunos eram pautadas pelo afeto, pela amizade. Apesar da grande capacidade intelectual que possuía, não havia arrogância nem prepotência em suas atitudes. É bem verdade que esse tipo de comportamento lamentável pode estar associado não à elevada inteligência, mas a fatores outros, como bem sugeriu Bohoslavsky (1983): certa psicopatologia do vínculo professor-aluno, resultado, talvez, da insegurança ou de complexos mal resolvidos. Ao contrário, o jeito doce de ser de Heliana – a leveza de suas aulas, o modo natural e alegre como se relacionava com os estudantes – nos ensinava que não era preciso ser rígido nem distante para ser um professor que conseguisse ter a atenção dos estudantes.

Ao resgatar as memórias daqueles tempos, e apoiado nos estudos de temas e autores que me mobilizam atualmente, consigo perceber uma característica fundamental apresentada por ela: Heliana conseguia estabelecer de forma muito natural, ou seja, sem esforço, um regime atencional com a turma em que a reciprocidade se fazia presente.

Considerando as práticas pedagógicas como objeto, recorro à discussão de Yves Citton (2014) acerca da ecologia da atenção. Ele descreve dois polos entre os quais as práticas pedagógicas podem variar: o magistral e o interativo. De acordo com este professor de literatura francesa, o polo magistral pode ser comumente encontrado no modelo tradicional de ensino, caracterizando-se pelo sentido único da comunicação em sala de aula, que vai do

professor em direção aos estudantes. Já no polo interativo, a comunicação se organiza segundo uma estrutura em forma de rede, viabilizando o diálogo entre professor e estudantes.

Certamente, o modo como Heliana estruturava e conduzia suas aulas favorecia o diálogo, a interação. Para além disso, vale notar que numa interação nossa própria atenção é influenciada pelo modo como percebemos a atenção do outro (CITTON, 2014). E, nesse sentido, aquilo a que o autor chama de coatenção presencial, ou seja, um tipo de atenção compartilhada, acontecia nas aulas dela, criando as condições para a percepção comum de uma copresença sensível às variações afetivas dos sujeitos envolvidos. Numa aula cuja prática pedagógica se desenvolvia deste modo, não era surpresa nenhuma que a reciprocidade e, conseqüentemente, a interação fossem estimuladas.

Por meio da docência, Heliana construiu relações fortes e duradouras com seus alunos, ou mestre-aprendizes, como se referiu tantas vezes a eles – ou a nós – em seus textos. Falo isso porque era possível ver em torno dela, ainda recentemente, a presença de vários dos meus colegas, contemporâneos daqueles dias da graduação, nos quais conhecemos e nos encantamos com a nova professora do Instituto de Psicologia.

Entre tantas experiências marcantes que tive nas aulas com ela, durante a graduação, um dos principais aprendizados foi que a docência se constroi com base numa relação e, portanto, não se faz apenas a partir do saber que detemos, mas primordialmente pela atenção, pela alegria e, claro, pela amizade.

Numa aula aprendemos para além dos conteúdos que nos são apresentados pelo professor. Há também algo como uma metaprendizagem – aprendemos modos de ser e de estar no mundo. Ou, se quisermos, a experiência que fazemos numa sala de aula também nos subjetiva. Apoiado por Guattari e Rolnik (1996) – intercessores que me foram apresentados por Heliana, como já mencionei – diria que as experiências que fazemos ao longo dos anos em contato com a Instituição Educação contribuem para a oscilação de nossas subjetividades entre os dois extremos mencionados pelos autores de “Micropolítica – Cartografia do desejo”: ou ficamos presos ao polo de assujeitamento, em que aceitamos a relação de alienação e opressão presente nos processos de subjetivação instrumentalizados na escola, ou conseguimos estabelecer processos de singularização desta subjetividade por meio da construção de relações que favoreçam a expressão e a criação. Ser aluno da Heliana era a oportunidade de experimentar práticas de liberdade em sala de aula, o que permitia um vasto campo de possibilidades para a singularização das subjetividades.

Durante a qualificação do meu doutorado, tive a oportunidade de contar com a presença de Heliana Conde na banca. Suas intervenções, a leitura atenta e cuidadosa do texto

e, principalmente, o livro que ganhei dela naquele dia, me mostraram outras perspectivas para a prática docente. Como escrito por ela na dedicatória, a mensagem contida no livro era “desconcertante, mas, por isso mesmo, necessária”. Ler J. Rancière (2002) foi algo, de fato, que me provocou bastante. Será que tendo sido aluno de uma professora como ela conseguiria aceitar que alguém que desconhecesse determinado assunto – um Mestre Ignorante – fosse capaz de fazer com que outra pessoa aprendesse aquele assunto? Como continuar trabalhando com educação sem problematizar se nossas práticas estariam contribuindo para a emancipação ou para o embrutecimento?

Eis aí mais uma marca deixada por ela em suas aulas: as perguntas, as problematizações não nos imobilizam, mas, ao contrário, nos colocam em movimento. Ou, se preferirmos, elas nos mobilizam, provocando nosso pensamento.

No Colóquio sobre Foucault, ocorrido nos dois dias que antecederam este Seminário, e que contava com Heliana na organização, pois começamos a pensá-lo ainda no período em que estava em atividade na UERJ, assistimos a um vídeo de uma entrevista sua, realizado por Thiago Ribas, professor adjunto da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Cassiana Lopes Stephan, pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ. Nesta entrevista, em certo momento, Heliana fazia o seguinte comentário: “o curso de Psicologia poderia ser bem interessante” (ironias de Heliana...). “Mas isso dependeria de você ter sorte, dependeria de ter bons encontros”.

Considero que tive bons encontros. E sorte, obviamente, porque, como disse no início deste texto, por pouco teria saído da graduação sem conhecê-la. Devo dizer, até que tive muita sorte, pois ela me sorriu novamente, quando, já professor na Uerj e no PPFH, Heliana entra para o Programa.

Como disse, fui seu aluno na UERJ, no Instituto de Psicologia, durante minha formação. No entanto, posso dizer que revivi esta experiência novamente há alguns anos, quando estivemos juntos dividindo algumas disciplinas no PPFH. No processo de planejamento e construção dessas disciplinas em parceria, eu continuava aprendendo. Conversávamos sobre dúvidas e expectativas acerca de como a turma receberia a proposta de programa que estávamos cuidadosamente construindo. Pensávamos alternativas para despertarmos o interesse do grupo. Passamos a trabalhar bastante com filmes – uma estratégia que venho utilizando e que tanto agradava à Heliana também. Fazíamos listas para escolher quais filmes poderiam servir ao propósito dos temas propostos. E tudo isso com muita leveza, diversão e alegria. Componentes, não há dúvida, que reforçam o afeto em torno destas novas memórias.

Na primeira disciplina que oferecemos juntos no PPFH (imaginem como eu me sentia...), lembro-me de dizer à turma que aquela oportunidade para mim era única, e, na verdade, um grande privilégio, porque agora voltava a assistir a uma aula da Heliana, porém sentado ao lado dela.

Ao preparar minha fala para este evento em homenagem a ela, viajei no tempo, revivi momentos, resgatei lembranças. Durante a preparação dessa minha fala, voltada para um dos três eixos desse encontro – a docência – também me deparei com situações envolvendo os outros dois – a militância e a escrita. Aprendi em suas aulas, com o convívio com ela, que nossas práticas são irremediavelmente políticas. No entanto, não era preciso ser o tempo todo militante, ou, pelo menos aquele militante triste, chato. O modo alegre como ela praticava sua militância nos mostrava como isso era perfeitamente possível. No que se refere à escrita, pude lembrar da expectativa que ficávamos para receber de volta nossos trabalhos e ler o que ela havia escrito em suas anotações sobre eles. Suas observações e comentários tinham um efeito muito interessante sobre nossa produção escrita. Escrevíamos também para ela, para que ela nos retornasse, não exatamente uma nota, mas, acima de tudo, seus comentários, os quais funcionavam na maioria das vezes como autênticas orientações para trabalhos futuros, repletos de indicações de leituras, análises etc. E, como marca registrada da relação com os estudantes, refletida também no momento da avaliação, sempre com cuidado e carinho. Certa vez, quando a entrevistei por ocasião da minha dissertação de mestrado, lembro-me que ela, muito satisfeita com os efeitos que estes comentários produziam, se referiu a eles como uma espécie de “bilhetinhos de amor aos estudantes”.

O convite para esta mesa foi também um convite para revisitar lembranças, para olhar com carinho e com alegria aquele momento tão importante na minha formação. Momento em que, graças à doce-docência da Heliana, pude experimentar aulas outras: aula-intervenção, aula-instituinte, aula-acontecimento.

A oportunidade de revisitar essas lembranças me possibilitou realizar certo trabalho do pensamento que não tinha condições de fazer quando as situações foram vividas. É incrível perceber como a memória guarda vários desses elementos – os que já não temos mais e os que continuam nossos. Estou convencido de que a resposta para a pergunta feita pela protagonista do filme de Woody Allen, comentado no início deste texto, é complexa. Talvez, até irrespondível. Contudo, posso afirmar que, se o passeio pelas memórias que me ligam à docência da Heliana reafirma a dura realidade de que alguma coisa foi perdida – o contato com ela –, é esse mesmo passeio o que me permite constatar que as marcas que carrego

daqueles momentos são algo que possuo, que me constituem e, certamente, guardo com carinho.

Sei que a experiência é única e irrepetível, que as marcas deixadas pelo encontro com Heliana são singulares. Portanto, o que tentei comunicar com minha fala foi uma pequena parcela dos efeitos deste encontro com uma docente que me marcou de forma muito especial. E, tenho certeza, marcou também muitos dos que podem se interessar pela leitura das páginas deste dossiê em homenagem à Heliana Conde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOHOSLAVSKY, Rodolfo H. A psicopatologia do vínculo professor-aluno: o professor como agente socializante. In: PATTO, M. H. S. *Introdução à Psicologia Escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. p. 321 a 341.

CITTON, Yves. *Pour une écologie de l'attention*. Paris: Éditions du Seuil, 2014.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Subjetividade e História*. In: *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROLNIK, Suely. *Pensamento, corpo e devir – uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. *Caderno de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 2, 1993.

Luiz Antônio Saléh Amado
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
e-mail: saleh.amado@gmail.com